

Contribuições para uma educação escolar antirracista:

bell hooks e a pedagogia engajada

Contributions to anti-racist school education:

bell hooks and engaged pedagogy

Contribuciones a la educación escolar antirracista:

bell hooks y la pedagogía comprometida

 **BERNARDO MATTES CAPRARA***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, Brasil.

 **LUCAS ANTUNES MACHADO****

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, Brasil.

Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, Sapucaia do Sul – RS, Brasil.

RESUMO: O objetivo deste artigo é sinalizar a pedagogia engajada de bell hooks, professora e intelectual negra estadunidense, como potencial contribuição para uma educação escolar antirracista. Nessa linha, apresentamos os fundamentos da obra educacional da autora e seus principais desdobramentos. Depois, situamos sua concepção pedagógica no contexto de um projeto ético-político crítico ao racismo, ao sexismo e à opressão de classe, cujos alicerces auxiliam na contraposição ao chamado ‘pacto da branquitude’ presente na sociedade brasileira. Por fim, argumentamos que a pedagogia engajada de hooks enseja valiosas estratégias para o fomento de práticas antirracistas na escola brasileira.

Palavras-chave: bell hooks. Pedagogia Engajada. Escola. Antirracismo.

* Doutor em Sociologia. Professor no Departamento de Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* <bernardocaprara@gmail.com>.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor de Sociologia na Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul. *E-mail:* <lucas-amachado@educar.rs.gov.br>.

ABSTRACT: The objective of this article is to highlight bell hooks' engaged pedagogy, a black professor and intellectual from the United States, as a potential contribution to anti-racist school education. Along these lines, we present the foundations of the author's educational work and its main developments. Afterwards, we place its pedagogical conception in the context of an ethical-political project critical of racism, sexism and class oppression, whose foundations help to counteract the so-called 'pact of whiteness' present in Brazilian society. Finally, we argue that hooks' engaged pedagogy provides valuable strategies for promoting anti-racist practices in Brazilian schools.

Keywords: bell hooks. Engaged Pedagogy. School. Anti-racism.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es resaltar la pedagogía comprometida de bell hooks, docente e intelectual negra estadounidense, como una contribución potencial a la educación escolar antirracista. En esta línea, presentamos los fundamentos de la labor educativa de la autora y sus principales desarrollos. Luego, ubicamos su concepción pedagógica en el contexto de un proyecto ético-político crítico con el racismo, el sexismo y la opresión de clases, cuyos fundamentos ayudan a contrarrestar el llamado 'pacto de la blanquitud' presente en la sociedad brasileña. Finalmente, sostenemos que la pedagogía comprometida de hooks proporciona estrategias valiosas para promover prácticas antirracistas en las escuelas brasileñas.

Palabras clave: bell hooks. Pedagogía comprometida. Escuela. Antirracismo.

Introdução

A escola pode ser entendida como um espaço diverso, no qual se manifestam diferentes culturas, identidades e experiências individuais e coletivas. Tamaña diversidade resulta da interação entre uma multiplicidade de agentes sociais, como estudantes, docentes, funcionários/as e comunidade escolar. Essas pessoas trazem consigo uma variedade de origens étnicas, socioeconômicas, culturais, religiosas etc. Instituição central para as sociedades modernas, a escola tem sido analisada a partir de diferentes ângulos, seja pela via da transmissão de conhecimentos e circulação de saberes, seja pela reprodução de desigualdades sociais.

Em 2003, foi promulgada no Brasil a Lei n. 10.639, determinando que as instituições de ensino incluíssem em seus currículos a história da África e as contribuições da cultura

africana para o país. Um ano depois, o Conselho Nacional de Educação – CNE publicou a Resolução CNE/CP n. 1/2004, instituindo as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Nas últimas décadas, portanto, é perceptível o crescimento da importância de se reconhecer e valorizar a diversidade como um recurso enriquecedor para o processo educativo, fato que colabora para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

As referidas diretrizes curriculares estabelecem a responsabilidade da escola no combate do tratamento superficial e distorcido tradicionalmente dado aos aportes dos/das africanos/as escravizados/as e seus/suas descendentes para a formação da nação brasileira. Multiétnico e pluricultural, o país necessita de instituições escolares em que todos/as se sintam incluídos/as e tenham garantido o direito de aprender e expandir seus conhecimentos, sem a negação da sua própria identidade étnico-racial. Segundo o documento, a qualidade da educação oferecida será medida pela capacidade da escola de proporcionar um ambiente no qual os/as alunos/as possam desenvolver-se plenamente, respeitando suas origens e culturas (BRASIL, 2004, p. 18).

A pedagogia engajada de *bell hooks*, professora, intelectual e ativista negra estadunidense, representa um marco na busca por uma educação mais inclusiva e socialmente consciente. Ao desafiar as normas tradicionais de ensino, *hooks* (2017; 2020a; 2021) propõe uma abordagem que prioriza a conexão emocional entre educador/a e educando/a, procurando não apenas transmitir conhecimento, mas também promover a transformação pessoal e social. As ideias de *hooks* enfatizam a importância da educação como instrumento de empoderamento e resistência às estruturas de opressão.

bell hooks, cujo nome original era Gloria Jean Watkins, nasceu em 1952, na cidade de Hopkinsville, no Kentucky, Estados Unidos. Ela cresceu em uma família afro-americana de poucas posses e suas experiências moldaram sua visão de mundo e sua dedicação às causas sociais. Atuou como docente em diversas universidades, incluindo a Universidade de Yale e a Universidade do Sul da Califórnia. O trabalho de *hooks* não somente apresenta profundidade intelectual, mas também se mostra acessível e relevante para um público amplo. Combinando teoria crítica com experiências pessoais e exemplos concretos, suas ideias se fazem acessíveis e impactantes. *hooks* aborda questões como raça, classe, gênero, sexualidade e poder, e sua influência transcende os limites da academia, alcançando ativistas, educadores/as e diferentes grupos interessados em justiça social.

Em um contexto escolar marcado pela persistência das desigualdades raciais, a necessidade de uma educação antirracista se torna premente (GOMES, 2017; 1996, SILVA, 2007). A escola é uma instituição fundamental na formação das novas gerações, podendo desempenhar um papel crucial na desconstrução de padrões discriminatórios e na promoção da equidade. Por esse caminho, a pedagogia de *bell hooks* (2017, 2020a, 2021) oferece um arcabouço teórico e prático para a implementação de estratégias educacionais que combatam o racismo e fomentem a diversidade. Suas contribuições podem auxiliar na possibilidade

de uma abordagem antirracista na educação escolar, reconhecendo a necessidade de problematizar as estruturas sociais que perpetuam a marginalização de grupos racializados.

De acordo com Eliane Cavalleiro (2001), uma educação antirracista reconhece inequivocamente a existência do problema racial, gerando uma reflexão contínua sobre o racismo e suas ramificações no contexto escolar. Repudia com firmeza qualquer atitude preconceituosa e discriminatória, tanto na sociedade em geral, quanto no ambiente escolar, assegurando relações respeitadas entre pessoas adultas e crianças, seja qual for a sua origem étnico-racial. Uma escola antirracista trata de valorizar a diversidade presente no seu ambiente como uma ferramenta para estimular a igualdade, incentivando a participação de todos/as os/as estudantes. Também busca operar com materiais que combatam o eurocentrismo nos currículos escolares e abordem a diversidade racial, incluindo o estudo de temas relacionados à comunidade negra (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Em consonância com essas perspectivas, ao integrar questões raciais de forma transversal em sua abordagem pedagógica, bell hooks desafia a neutralidade da educação e destaca a importância de abordar as relações de poder presentes nas salas de aula. Sua obra convida educadores/as a refletirem sobre seus próprios privilégios e a adotarem uma postura ativa na construção de espaços educacionais verdadeiramente inclusivos e justos. Ao apresentar a pedagogia engajada de hooks, este artigo tem como objetivo explorar as suas contribuições na direção de uma educação antirracista na escola, analisando seus princípios fundamentais e aventando sua aplicabilidade no contexto educacional contemporâneo. Ao fazê-lo, almejamos fornecer possibilidades e argumentos para educadores/as interessados/as em transformar suas práticas pedagógicas em ferramentas de luta contra o racismo e pela promoção da igualdade racial.

bell hooks e a pedagogia engajada

A pedagogia engajada proposta por hooks (2017) defende um jeito de ensinar que qualquer um/uma pode aprender. Ela tem inspiração em Paulo Freire e no monge vietnamita Thich Nhat Hanh. Em Freire (2023) busca-se a educação como prática da liberdade, com estratégias de ‘conscientização’ em sala de aula, sendo que todos/as devem ser participantes ativos/as no contexto escolar. Hanh argumenta no mesmo sentido e acrescenta a ideia de que a pedagogia deve ser holística, integrando a mente, o corpo e o ‘espírito’.

Nas salas de aula das escolas, docentes podem se perturbar quando alunos/as querem ser vistos/as como seres complexos e não consumidores/as de pequenas fatias de conhecimento (hooks, 2017). A autora argumenta que a pedagogia engajada é mais exigente que a pedagogia crítica. A pedagogia engajada enfatiza o bem-estar; para isso, professores e professoras devem atentar para a sua autoatualização, para o seu próprio bem-estar. hooks (2017) argumenta que as instituições educacionais, na maior parte das vezes, estão

cheias de profissionais qualificados/as em termos de “conhecimento livresco”, mas inaptos/as para a interação social.

As estruturas educacionais da sociedade burguesa, capitalista, objetificam os professores e as professoras e sustentam uma divisão entre mente e corpo. Muitos e muitas docentes consideram que uma educação que ligue a vontade de saber à vontade de vir a ser, que foque na integridade da aprendizagem, significa uma espécie de ‘terapia de grupo’. *bell hooks* (2017) afirma que não é essa a tarefa da pedagogia engajada, mas sim a ideia de que o conhecimento deve tornar as pessoas melhores do que elas eram antes. Muitas vezes os e as estudantes querem um conhecimento significativo, que faça ligação entre o saber e as suas próprias vidas.

A educação como prática da liberdade, na perspectiva de *hooks*, significa que as e os estudantes precisam assumir as responsabilidades pelas suas escolhas, pelas suas falas, pelos seus posicionamentos. A pedagogia engajada valoriza necessariamente a expressão estudantil, na medida em que as pessoas são chamadas a compartilhar, a falar, a dizer, a relatar. Mas não são apenas os e as estudantes que assumem a tarefa de se expressar. Nas salas de aula em que são aplicadas pedagogias engajadas, docentes também precisam compartilhar, contar de si, falar das suas questões. Assim, todos/as crescem juntos/as, todos/as se fortalecem e se capacitam, conectando o que estão aprendendo com a sua experiência global de vida.

Quando professoras e professores levam narrativas das suas experiências para a sala de aula, deixam de ocupar o papel de inquisidores/as ou acusadores/as. *bell hooks* (2017) sugere, inclusive, que é produtivo que docentes sejam os/as primeiros/as a correr o risco de ligar narrativas de experiências das suas vidas com os conteúdos acadêmicos. Assim, mostram que as experiências da vida podem iluminar e ampliar nossa compreensão das discussões acadêmicas. A pedagogia engajada inicia com o entendimento de que se aprende melhor quando há interação entre estudante e professor/a.

Isso se relaciona com uma definição multifacetada do conhecimento, desafiando as estruturas tradicionais que o definem. As narrativas pessoais e coletivas podem ser entendidas como partícipes na construção do conhecimento, demonstrando como diferentes perspectivas e experiências moldam nossa compreensão do mundo. Reconhecer e valorizar formas de conhecimento não ocidentais, muitas vezes marginalizadas pelos discursos dominantes na modernidade, por exemplo, amplia as possibilidades epistemológicas e também pode atuar como instrumento antirracista. Nessa ótica, o conhecimento é inseparável das relações de poder e das dinâmicas coloniais das sociedades modernas, e uma abordagem mais crítica e inclusiva é essencial para desestabilizar as hierarquias epistêmicas e difundir uma verdadeira diversidade de saberes (KILOMBA, 2019).

Por essas razões, é fundamental que docentes e estudantes tenham tempo para se conhecer. *hooks* (2017) usa como exemplo exercícios de engajamento do que ela chama de “mente e coração” dos e das estudantes. São exercícios simples de escrita, como quando

todos/as escrevem um parágrafo, de forma espontânea, falando sobre questões pessoais, como momentos de coragem ou objetos que consideram importantes nas suas vidas. Escrever e ler parágrafos juntos/as auxilia a reconhecer a importância da voz de cada um/uma e a criar um espaço para que todas as pessoas possam falar quando têm algo significativo a dizer.

Porém, nunca se deve pedir às e aos estudantes que escrevam algo que o professor ou a professora não tenha disposição para escrever. Na escola, todos/as devem se 'arriscar', porque assim, todos/as participam do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagem. Uma comunidade tem no seu centro a comunicação que possibilita o interesse de compartilhamentos comuns. Comunicar é instaurar o comum da comunidade (SODRÉ, 2012). O local em que se realiza a aprendizagem é o local em que ocorrem ações que renovam e dão continuidade à existência comunitária, por isso, a aprendizagem deve se relacionar com os afetos e com a apropriação criativa dos conteúdos. Todos/as se descobrem juntos/as, vulneráveis no contexto do aprendizado compartilhado. A pedagogia engajada sublinha a participação de todos/as, porque é no movimento de ideias, nas trocas entre as pessoas, que um relacionamento se estabelece e possibilita a melhor aprendizagem.

Esse é o sentido da integridade da pedagogia engajada, o sentido de inteireza, de todos/as estarem inteiros/as na sala de aula. Estar inteiro/a na sala de aula significa ser honesto/a, radicalmente aberto/a, expondo medos e resistências, honrando os momentos em que tudo se conecta e o aprendizado ocorre. A pedagogia engajada tem como prerrogativa o fato de que todos e todas têm alguma colaboração valiosa para o processo de aprendizagem. Mas isso não é o mesmo que dizer que todas as vozes devem ser ouvidas em todos os momentos, ou que todas as vozes devem ser ouvidas na mesma quantidade. Numa sala de aula engajada, é preciso aprender o valor de falar e de dialogar, o valor de colaborar com algo significativo (hooks, 2017).

Isso significa que todas as capacidades devem ser honradas, não só a capacidade de falar, mas também a capacidade de escutar com atenção. A pedagogia engajada é essencial para ajudar a repensar a educação escolar, na medida em que carrega a busca pela participação total das e dos estudantes. Ela procura um relacionamento mútuo entre estudantes e docentes, fomentando uma atmosfera de confiança e compromisso que favorece o aprendizado. Dessa forma, a inteligência pode ser vista como um recurso para fortalecer o bem comum.

Um projeto ético-político antirracista

O eixo do pensamento feminista negro de bell hooks pode ser visto como um projeto ético-político para pensar teoria e prática na educação, dentro e fora da sala de aula,

a partir da crítica a sistemas explicativos globais e neutros de produção de conhecimento. Essa atitude pode ser denominada como “objetividade localizada e corporificada” (GÓES, 2019, p. 8). Pensar por uma lógica localizada impede que o modelo universal e geral do liberalismo científico oriente os modos de fazer e pensar a sala de aula escolar, além de atender a algumas necessidades de grupos subalternos, propondo um modo de fazer e conhecer engajado, ético e político.

Outro ponto importante para um projeto ético-político em sala de aula tem a ver com a economia de poder que se estabelece em uma rede circular de interações e que necessita de uma série de procedimentos articulados, permitindo que esse poder circule de forma contínua, ininterrupta, adaptada e individualizada sobre os corpos (FOUCAULT, 2015). Algumas pistas sobre a relação entre poder e educação aparecem na obra de hooks, sendo que sua compreensão pode reforçar uma educação como prática de liberdade, eticamente orientada para a produção de outros modos de exercício de poder, sobretudo em salas de aula multiculturais. Sua teoria crítica utiliza com recorrência o termo “dominação patriarcal imperialista capitalista supremacista branca” (hooks, 2020a, p. 149) para se referir a uma sociedade dominada pelo pensamento colonizador, ativamente assimilado pelos próprios grupos dominados a partir de processos de subjetivação, em função das relações de poder entre colonizadores/as e colonizados/as.

Somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora – poucos de nós conseguimos escapar das mensagens oriundas de todas as áreas de nossa vida –, uma mentalidade que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para submissão e aquiescência que superam em muitos quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados e novas maneiras de pensar e ser (hooks, 2020a, p. 57).

Dito de outro modo, sendo resultado de relações patriarcais imperialistas capitalistas supremacistas brancas, a educação escolar não está isenta da produção de mentalidades colonizadas. A relação entre o corpo, os marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero, sexualidade) e o poder fica evidente na construção da teoria educacional de hooks e sua proposta de uma pedagogia engajada. Como forma de transgredir a supremacia branca assimilada pelos/as agentes escolares, busca-se uma possibilidade de produzir práticas antirracistas no âmbito da sala de aula. A noção de pedagogia engajada é tributária de experiências educacionais vividas pela autora, marcadas por exercícios de poder autoritários que enfraqueciam e esmagavam o espírito de alunos e alunas, desumanizando mentes e corpos (hooks, 2020a).

Propondo uma alternativa para práticas em salas de aula, a pedagogia engajada (hooks, 2017; 2020a) funciona como estratégia para ensinar e aprender, visando a resgatar a vontade dos e das estudantes de pensar e alcançar sua autorrealização. Através do exercício contínuo do pensamento crítico, com problematizações do tipo *quem, o quê, quando, onde e como acontecem as relações e interações interpessoais*, as e os estudantes são

convidadas/as constantemente a se implicarem e engajarem no próprio processo de ensinar e aprender (hooks, 2020a). Essa estratégia de ensino exige, sobretudo, mobilização do/a educador/a, em uma postura de suspensão temporária de seu poder absoluto sobre o objeto de conhecimento. Em outras palavras, “devemos estar dispostos a reconhecer o que não sabemos. Um compromisso radical à abertura mantém a integridade do processo do pensamento crítico e seu papel essencial na educação” (hooks, 2020a, p. 35).

A pedagogia engajada de bell hooks leva em consideração o lugar do corpo no processo pedagógico. O corpo está relacionado aos marcadores sociais de classe, raça, gênero e sexualidade envolvidos nas experiências de professores/as e estudantes. hooks (2017) adverte sobre a exclusão do corpo nas relações pedagógicas da modernidade e denuncia como nossa formação no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental insiste na cisão entre corpo e mente. Muitas vezes, docentes e estudantes adentram a sala de aula com a convicção de que apenas a mente deve estar presente, negligenciando a importância da presença e da experiência corporal no processo educativo. Na mesma trilha argumentativa, salientamos que

se atentarmos para experiências educativas entre povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros, veremos que não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – o físico, a inteligência, os sentimentos, as emoções, a espiritualidade – que ensinamos e aprendemos e que descobrimos o mundo. Corpos negros, brancos, indígenas, mestiços, doentes, saudáveis, gordos, magros, com deficiências, produzem conhecimentos distintos, todos igualmente humanos e, por isso, ricos em significados. Produzem também conhecimentos científicos, quando decidem realizar pesquisas deste cunho, que têm em conta as circunstâncias e suas condições de ser e viver (SILVA, 2007, p. 501).

Inspirada em princípios e vivências próprias, bell hooks (2017) estimula alunos/as e professores/as a se envolver no cotidiano da escola com uma abordagem integral, reconhecendo a importância dos aspectos corporais. Ela argumenta que uma pedagogia engajada não deve perpetuar a dicotomia entre mente e corpo, mas integrar essas dimensões de forma a informar nossos comportamentos e estilos de vida além do ambiente escolar. Educadores e educadoras frequentemente negligenciam o fato de que a educação e os marcadores de raça e de gênero, por exemplo, estão intrinsecamente ligados. A diversidade de participantes encontrada no processo educacional engendra identidades multifacetadas ao longo de trajetórias pessoais e profissionais, e a escola desempenha um papel significativo nesse processo (GOMES, 1996, p. 68). Isso acaba influenciando as percepções e interações dessas pessoas, uma vez que o tempo passado na escola é fundamental na formação de memórias, experiências e percepções de si e dos/das outros/as.

A prática da pedagogia engajada implica adotar uma postura antirracista e antissexista no ambiente escolar, rompendo com os paradigmas supremacistas, imperialistas e capitalistas. bell hooks (2017, 2020a) enfatiza a importância da comunidade, da comunidade e do cuidado como elementos essenciais no processo de aprendizagem, sugerindo

que uma comunidade de aprendizagem pode ser um espaço propício para a construção de relações menos violentas e opressoras na sala de aula. Nesse contexto, a ética do amor proposta por hooks (2020b) emerge como um *ethos* para a condução de uma pedagogia engajada, orientando a prática educativa rumo a uma educação que favoreça a liberdade. Ao cultivar relações baseadas no amor, na empatia e no respeito mútuo, os/as educadores/as podem criar um ambiente propício para o desenvolvimento integral dos/das alunos/as, incentivando a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O amor, assim, é entendido como ferramenta poderosa na luta contra a dominação e a opressão, sendo mais do que um sentimento, mas uma ação que implica cuidado, compromisso, respeito e comunicação aberta. Para a autora, o amor envolve tanto o autocuidado quanto o cuidado com os/as outros/as, rompendo com a concepção moderno-colonial que o reduz a um sentimento romântico de devoção exclusiva a alguém. Essa visão mais ampla sublinha como o amor romântico muitas vezes desconsidera aspectos fundamentais como confiança, honestidade e compromisso, concentrando-se apenas na devoção emocional a uma única pessoa. Ao desafiar essa concepção restritiva, hooks nos convida a repensar nossas relações e a cultivar uma prática amorosa que promova o crescimento pessoal, coletivo e que esteja enraizada em valores de cuidado mútuo e respeito.

O amor, nessa perspectiva, pode desempenhar um papel fundamental como uma força motivadora nas escolas, com professores/as buscando garantir o bem-estar emocional dos/das alunos/as, incorporando questões individuais à dinâmica da comunidade de aprendizagem. Ao impulsionar uma prática educacional que valorize a participação de todos/as e confronte questões sociais relacionadas a raça, gênero e classe dos/das estudantes, os/as educadores/as criam um ambiente propício para o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem inclusiva.

Como afirma Nilma Lino Gomes, “é preciso que as diferenças sejam reconhecidas e respeitadas dentro da instituição escolar” e “o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade” (GOMES, 1996, p. 78). Entretanto, reconhecer a diversidade nas salas de aula não é suficiente sem uma mudança paradigmática no pensamento e na ação dos/as professores/as comprometidos/as com uma educação libertadora, mas também depende de relações sociais que se desenvolvem fora da escola. A abertura para questionar e problematizar ideias e hábitos, aliada à prática do amor, como entendida por hooks (2020b), torna-se essencial para a construção de comunidades de aprendizagem verdadeiramente empoderadoras. A partir da própria experiência educacional refletida nas suas obras, hooks incentiva a transformação da sala de aula, que passa de um ambiente potencialmente hostil e violento a um espaço de valorização da autoestima e identidade das crianças negras.

Escola contra o pacto da branquitude

O chamado *pacto da branquitude* é outra dimensão importante para se pensar as relações étnico-raciais na escola. Cida Bento adverte que é evidente que “os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter privilégios e excluir negros” (BENTO, 2022, p. 18), mas tudo funciona como se isso ocorresse, tendo em vista as formas de exclusão e manutenção de privilégios em diferentes espaços institucionais. Portanto, para reconhecermos o papel que o racismo e as relações étnico-raciais têm nas práticas pedagógicas é necessário que compreendamos a estrutura social que permite a manutenção de determinadas relações de poder, dentro e fora do âmbito escolar.

O pacto da branquitude se relaciona com uma espécie de herança internalizada por pessoas brancas, que não se veem racializadas, justamente pelo fato de serem brancas – o/a branco/a é entendido/a como universal e, dessa forma, não é racializado/a. Na perspectiva da autora, “fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas” (BENTO, 2022, p. 23). A branquitude não é percebida como uma herança inscrita na subjetividade, sequer sendo mencionada ou reconhecida publicamente. Isso gera um estado de normalização de algumas formas de dominação e violência raciais.

O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer “tacitamente” a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito (BENTO, 2022, p. 25).

Se o pacto da branquitude colabora para a manutenção de relações de hierarquia e poder, privilegiando pessoas brancas, ele também o faz para a inferiorização de pessoas negras. A supremacia branca estrutura dominações e opressões sociais que sustentam determinados valores e atitudes, ancorados em uma ideologia de dominação de pessoas brancas em relação às negras. Para hooks (2019), a *supremacia branca* é um termo mais útil do que o termo ‘racismo’, na medida em que ajuda a compreender a forma com que uma ideologia determina como pessoas brancas percebem e se relacionam com pessoas negras e não brancas. Além disso, ajuda a explicar a cumplicidade de algumas pessoas não brancas em sustentar e manter hierarquias raciais.

Nesse sentido, a incorporação do racismo não é atribuída apenas a pessoas brancas e não está restrita ao uso da força física ou xingamentos, por conta de seu caráter latente em uma sociedade estruturada pelo colonialismo. A supremacia branca se inscreve em nossos corpos e mentes a partir dos processos de socialização e é assimilada

de modo que nossos comportamentos e ações convergem para sua manutenção. Convergem, ainda, para a deslegitimação de um processo de conscientização e transformação radical do pensamento racista.

Sobre o processo de inscrição da ideologia supremacista branca em nossos corpos e mentes, hooks afirma que “a assimilação como política social de sustentação da supremacia branca era um importante e estratégico contra-ataque, que servia para desviar o chamado para transformação radical da consciência negra” (hooks, 2019, p. 237).

Combater o pacto da branquitude pode ser também estabelecer estratégias plurais e antirracistas em sala de aula. Professores e professoras com uma abordagem crítica antirracista podem auxiliar para melhorar os ambientes educacionais desde a educação primária. Podem ajudar a desafiar e dismantlar os estereótipos raciais, oportunizando o respeito mútuo entre os/as alunos/as e criando um ambiente seguro que acolha as diversas identidades, oferecendo um currículo que seja significativo e relevante para as experiências, histórias e aspirações de todos/as os/as alunos/as. Além disso, desde as primeiras séries, os/as discentes podem ter a oportunidade de estudar a formação racial como parte integrante da construção histórica de representações e identidades em contextos políticos complexos. Os processos sociais e culturais que influenciam e restringem as identidades devem ser explicitados, analisados e desconstruídos, incluindo a análise crítica de discursos e imagens racializados na mídia, na cultura popular e nas interações cotidianas dos e das estudantes (GLASS, 2012, p. 904).

Um projeto alternativo à supremacia branca na escola e ao pacto da branquitude pode buscar, ainda, como salientam Luce Silva e Sanny Rosa, “empretecer o currículo, a partir de uma perspectiva decolonial, para que a escola abrigue os conhecimentos, as identidades, ciências e tecnologias produzidas pelos negros e negras que atuaram e atuam na construção da sociedade brasileira” (SILVA & ROSA, 2023, p. 66). Isso se relaciona com a tarefa de concretizar um projeto educativo epistêmico que desafie os paradigmas e valores impostos pelo binômio modernidade/colonialidade e a subjugação das pessoas negras a uma suposta episteme e sociabilidade que seriam universais. A proposta de enriquecimento do currículo reflete um compromisso pedagógico com um projeto social pluriversal.

Considerações finais

A educação das relações étnico-raciais pretende formar cidadãos e cidadãs que se empenhem em promover a igualdade de direitos em todas as esferas da vida social. Seu objetivo principal é criar aprendizados e ensinamentos que incentivem a participação ativa na esfera pública, cultivando indivíduos/as capazes de reconhecer e valorizar as diversas perspectivas e elaborações culturais que moldaram a sociedade brasileira, além de negociar interesses diversos e propor políticas inclusivas (SILVA, 2007, p. 490).

Em outras palavras, uma educação antirracista na escola é essencial para instigar a justiça social e a equidade, combatendo as estruturas de opressão que perpetuam a discriminação racial. A pedagogia engajada de bell hooks (2017, 2020a) pode contribuir para desafiar as formas tradicionais de ensino e impulsionar a transformação pessoal e social, reconhecendo a importância de abordar questões raciais de forma crítica e reflexiva na escola. Seus trabalhos enfatizam a necessidade de uma educação que dê visibilidade e valorize as identidades e experiências das pessoas racializadas, proporcionando uma cultura escolar inclusiva e respeitosa.

A pedagogia engajada insiste na integralidade das pessoas presentes na comunidade de aprendizagem, em que todos e todas se engajam na construção de laços, vínculos e conhecimentos. Isso supõe riscos e a mobilização das experiências pelas quais nos constituímos enquanto pessoas humanas. No contexto escolar, essa postura faz com que a neutralidade ou o conhecimento desencarnado não seja possível. Dessa forma, os argumentos da pedagogia engajada de hooks misturam corpo, mente, conhecimento, indivíduo/a, sociedade, interações e relações, configurando um projeto educacional ético-político pautado pela crítica ao racismo, ao sexismo e às opressões de classe (MACHADO & GROSSI, 2023). Com base na argumentação proposta neste artigo, indicamos cinco estratégias possíveis para práticas de uma educação escolar antirracista, fundamentadas no pensamento de bell hooks:

1. Construção de comunidade: promover a construção de uma comunidade na sala de aula e na escola, procurando que cada aluno/a se sinta valorizado/a e incluído/a; fomentar a comunicação aberta e o respeito mútuo entre estudantes, docentes e funcionários/as; implementar atividades colaborativas que incentivem os/as alunos/as a se conhecerem melhor e a reconhecerem suas semelhanças e diferenças.
2. Diálogo crítico: adotar o diálogo crítico sobre questões sociais, culturais e políticas relevantes, identificando marcadores sociais de desigualdades como raça, classe e gênero; encorajar a discussão aberta e respeitosa de pontos de vista divergentes, estimulando a consciência crítica e a empatia; utilizar métodos como a leitura reflexiva, o debate em grupo e projetos de pesquisa para explorar diferentes dimensões das temáticas estudadas.
3. Engajamento reflexivo: integrar práticas de reflexão em todas as fases do processo educativo, incentivando as e os estudantes a pensarem criticamente sobre o que estão aprendendo e como isso se relaciona com suas próprias vidas; utilizar diários de aprendizagem, portfólios e discussões em sala de aula, para que todos e todas expressem e analisem suas próprias experiências e conhecimentos.

4. Educação como prática de liberdade: abordar questões de poder, privilégios e opressões de maneira transparente em sala de aula e na escola, qualificando os/as alunos/as para reconhecer e desafiar as estruturas de injustiças em suas próprias vidas e comunidades; integrar leituras e atividades que realcem a importância da justiça social e da equidade, encorajando os/as estudantes a se engajarem em ações que viabilizem transformações positivas.
5. Relação entre teoria e prática: produzir articulações entre os conceitos abordados em sala de aula e a vida cotidiana dos e das estudantes, fazendo com que o aprendizado se faça mais relevante e significativo; incorporar experiências práticas, como saídas de campo e visitas às comunidades locais, projetos de serviço comunitário e estágios, para relacionar os conceitos e teorias com a vida prática das pessoas.

Tudo isso pode acarretar, também, uma educação que valorize os saberes e as culturas das comunidades marginalizadas, fazendo emergir a diversidade de formas de conhecimento presentes na escola (SILVA, 2007). Da mesma forma, indica o papel da educação na promoção do diálogo intercultural e na construção de uma sociedade mais plural e democrática (SODRÉ, 2012). Portanto, uma educação antirracista não somente propõe o combate ao racismo estrutural, mas também estimula a valorização da diversidade como um recurso enriquecedor para o processo educativo.

A Lei n. 10.639/2003 consistiu um momento importante nessa direção, ao instituir a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas. Essa legislação busca preencher uma lacuna histórica na educação brasileira, reconhecendo a participação fundamental das populações negras na formação da identidade nacional. Ao incorporar esses conteúdos no currículo escolar, a lei estimulou a desconstrução de estereótipos e preconceitos, auxiliando a criar as condições para uma educação mais inclusiva e igualitária.

O êxito das políticas públicas institucionais e pedagógicas voltadas para reparação, reconhecimento e valorização da identidade, cultura e história dos/das negros/s brasileiros/as está intimamente conectado às condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas relativas ao ensino e à aprendizagem (BRASIL, 2004, p. 12). A efetivação dessas políticas depende também da colaboração e coordenação entre os processos educacionais nas escolas, políticas públicas e movimentos sociais, uma vez que as transformações éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais extrapolam os limites da instituição escolar.

Passados mais de 20 anos, os desafios para uma educação antirracista seguem presentes nas escolas do Brasil. Seguimos sendo uma sociedade bastante desigual, estruturada pela supremacia branca e pelo pacto da branquitude. As condições de carreira e de trabalho para docentes são precárias, desanimadoras e se juntam às perseguições ideológicas

nas escolas e à invasão do discurso empresarial na educação como características do tempo presente. Por isso mesmo, uma educação escolar antirracista se mostra imperativa para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Ao reconhecer e combater as estruturas de opressão que permeiam a escola, podemos criar espaços de aprendizagem que valorizem a diversidade, favoreçam o respeito mútuo e contribuam para um mundo mais humano e solidário. A pedagogia engajada de bell hooks carrega bastante potencial para contribuir nesse horizonte.

Recebido em: 20/03/2024; Aprovado em: 08/04/2024.

Referências

- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC, 2004.
- CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-60.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 55 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- GLASS, Ronald David. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 93, n. 235, p. 883-913, set./dez. 2012.
- GÓES, Juliana. Ciência sucessora e a(s) epistemologia(s): saberes localizados. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 1, p. 1-11, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. *Cadernos Pagu*, 6-7, 1996, pp.67-82.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019.
- hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020a.
- hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020b.
- hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Lucas Antunes & GROSSI, Patrícia Krieger. O projeto ético-político de bell hooks para a educação: contribuições ao campo da Educação em Direitos Humanos. *Educação*, v. 46, n. 1, 2023.

SILVA, Luce Elena Diogo da & ROSA, Sanny Silva da. Empretecer o currículo: por uma comunidade escolar [e não escolar] antirracista. *Revista Teias*, v. 24, n. 74, jul./set. 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.